

As geleias da Atenção Psicossocial: oficina culinária do CAPS III Arthur Bispo do Rosário



A oficina de culinária realizada no CAPS III Arthur Bispo do Rosário é uma das iniciativas de cuidado, interação e socialização que acontecem na Rede de Atenção Psicossocial do município do Rio de Janeiro. Nesta edição do Boletim, apresentamos o relato de Melissandre, profissional da equipe do CAPS III Arthur Bispo do Rosário.

Falar dos desafios do SUS e da atenção psicossocial nos tempos atuais pode parecer desanimador. No entanto, é justamente aí que nosso trabalho, nossos ideais e engajamento se fazem mais necessários. Temos falado muito de resistência. Obviamente não falamos de uma resistência inerte. Ela fraqueja. Em um dia a gente quase desiste, mas no encontro com nossos pares voltamos a acreditar! Em outros dias é um atendimento que nos faz querer continuar. É quase um dia de cada vez. Assim vamos resistindo

cotidianamente e sustentando a tal da atenção psicossocial, a tal loucura na cidade e na vida. Não é nada simples! Dá trabalho, dá solidão, mas também dá aquela sensação boa de estar fazendo o que deveria ser feito e de não se ver fazendo outra coisa.

O desânimo vem novamente se continuamos a falar em resistência e sustentação cotidiana do trabalho, da correria do mundo, trânsito, estresse, boletos, violência, pessoas adoecidas chegando todos os dias nos nossos atendimentos de primeira vez. Mas apesar disso tudo, temos visto também muita gente procurando fazer aquilo que faz sentido para si mesmo. E quando faz sentido, quando algo meio inexplicável te motiva, quando você deseja o que faz, certamente flui melhor! Não é papo de coach, gente!

Foi assim que há pouco mais de um ano surgiu a oficina culinária no CAPS III Arthur Bispo do Rosário. Surgiu sem definição de tempo, com a proposta que durasse enquanto fizesse sentido para os participantes. Não é à toa que volta e meia nosso encontro é pra pensar. Pensar se ainda faz sentido pra todos nós, técnicos e usuários, continuar. Temos continuado! Falo dessa oficina porque ela foi a minha resistência diária em alguns momentos mais difíceis no serviço. Falo dela porque foi também um ato de ocupação do CAPS, mais especificamente da cozinha. Começamos tímidamente com uma reunião em que alguns diziam: "Isso não vai dar certo". Fizemos um cajuzinho, receita de família, e foi um sucesso! Comida cativa, né? Tínhamos uma cozinha pouco habitada, com muitas

regras, horários rígidos, poucos transitavam por lá. Foi a primeira batalha: não pode ser aqui, vai atrapalhar o lanche. Ora, então mudaremos a hora do lanche! Tínhamos também uma copeira, que depois virou parceira e agora também faz parte da oficina, mas que no início dizia: "Cruz credo! Eu que não vou comer nada disso aí!". Então, começamos a ser bem vindos na cozinha, não tinham mais horários tão rígidos, virou cozinha de casa, que agrega. Não tivemos mais que pedir licença para tudo. A cada semana a gente escolhia o que seria feito na oficina seguinte. A equipe participa, apoia, pede para mudar o dia e adoçar outros dias no serviço. Ganhamos um armário inteirinho na sala de oficinas e passamos a habitar aquele espaço também. Fomos crescendo, ocupando o Pólo Experimental para as receitas que precisavam do fogão. E dessa maneira, tudo tem feito mais sentido!

Há mais ou menos um mês, decidimos coletivamente apostar em um novo momento da oficina. Pensamos em ter o nosso produto. Precisava ter validade longa, ser fácil de fazer e que pudesse ser minimamente rentável para finalmente virarmos uma oficina de geração de renda. Chegamos consensualmente à ideia da produção de geléias artesanais. Mergulhamos em mais esse desafio. Agora temos página no Instagram ([@arte_doce_do_bispo](https://www.instagram.com/arte_doce_do_bispo)), logo, nome e estamos animados para esse novo momento! Afinal, é no miudinho de cada dia, de cada padrão que a gente rompe, a partir de cada usuário que sai daqui animado e com vontade de repetir as receitas em casa, que temos a certeza que isso é sustentar o SUS e a atenção psicossocial. Sigamos, juntos!

SARAUVÁ do CAPSad III Paulo da Portela! É uma convocação à alegria e à resistência em forma de cultura!



Cunhado no grupo "No Ritmo das Palavras" – um dos vários grupos atualmente em funcionamento no CAPS AD III Paulo da Portela – o encontro mensal que temos promovido em Madureira não só compartilha as produções dos usuários em saúde mental, como também dá espaço ao improviso e ao inesperado trazidos pela arte.

A ambientação do espaço para o evento (com palco e microfones abertos) e a nossa rádio, que está em seus primeiros estágios de experimentação, convidam os participantes à ousadia de se fazerem ver e ouvir de modos outros que não os cotidianos.

Já foram realizadas duas edições do SARAUVÁ, contando com exposição de obras produzidas pelos usuários, poesias suspensas, apresentações musicais e mais uma gama de atividades culturais e artísticas. Estamos caminhando para a terceira edição na última terça-feira do mês de setembro, 23/09/2019.

Na segunda edição do SARAUVÁ, realizada dia 27 de agosto, contamos com apresentações artísticas e culturais da cena de Madureira. As apresentações espontâneas no microfone aberto foram de maior interação com o público durante todo o evento. As exposições ao ar livre "Olhares" e "Expressões" compunham o ambiente e contavam com obras

produzidas pelos usuários em oficinas do CAPS AD III Paulo da Portela.

O "Pé de poesia", uma árvore com poesias suspensas em seus galhos, também escritas no grupo "No ritmo das palavras", foi um convite à imersão do na-

tural ao lúdico, promovendo uma interação do público com a obra.

SARAUVÁ faz parte de nossa aposta clínica de que é possível mudar de posição! Do entendimento que saúde também se faz com cultura e arte!



O suicídio é um tema complexo, com uma multiplicidade de fatores intervenientes, portanto, não há apenas uma resposta para esse problema. Sua prevenção é uma prioridade (OMS, 2018).

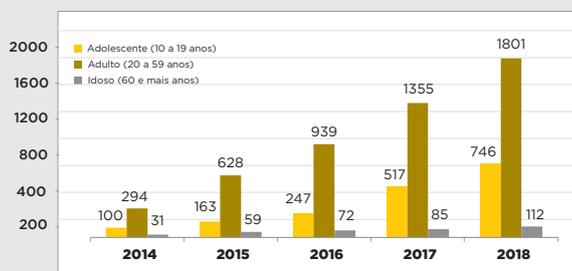


- Mundo: 800 mil suicídios por ano. Segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. 79% ocorreram em países de baixa e média renda. 65 mil na região das Américas (OMS, 2018).



- Brasil: 12.495 óbitos por suicídio (6 óbitos/100 mil). Risco quatro vezes maior no sexo masculino que no feminino, 9,6 óbitos e 2,5 óbitos/100 mil, respectivamente (DATASUS - SIM e população Brasil estimada 2017).

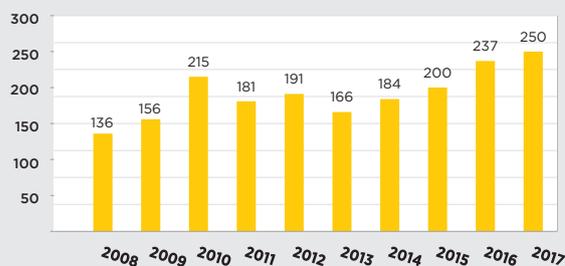
Nº de notificações de violência autoprovocada segundo ciclo de vida. MRJ, 2014 a 2018



Fonte: SINAN Municipal

Atenção para as notificações entre **adolescentes**, com aumento de 109% entre 2016 e 2017. Obs.: o nº de notificações em crianças (6 a 9 anos) 2016 - 2; 2017 - 5 e 2018 - 7.

Nº de óbitos por suicídio. MRJ, 2008 a 2017



Fonte: SIM Municipal

Tendência de crescimento a partir de 2013, alcançando 250 óbitos em 2017.

TENTATIVAS DE SUICÍDIO/ AUTOMUTILAÇÃO

Residentes MRJ - 2018

2.666
notificações
(SINAN)



72,6%
mulheres

adolescentes **28%** e adultos **68%**

pretos e pardos **43,8%**
brancos **27,8%**

meios mais utilizados

uso de substâncias (medicamentos, pesticidas) **74,1%**
objeto perfuro-cortante **17,3%**

repetição **33,9%**
ocorreram na residência **74,3%**

ÓBITOS

Residentes MRJ - 2017

250

óbitos por suicídio (taxa de mortalidade 4,0 óbitos/100mil)
(SIM)

72,8%
homens



68,8% adultos (20 a 59 anos)

4,1 óbitos/100mil em brancos
3 óbitos/100mil em pretos e pardos

meios mais utilizados

37,6% enforcamento
32,4% não especificados
15,6% uso de substâncias (medicamentos, pesticidas)

Atualizado em agosto 2019 • Arte: Ascom - SMS-Rio
GVDANT/CVE/SVS/SUBPAV/SMS

Para mais informações: www.prefeitura.rio/web/sms

Que CAPS é esse?

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO



Foto: Jean Mazon. Acervo do Museu Bispo do Rosário

Em agosto de 2019 comemoramos 21 anos de implantação do CAPS Arthur Bispo do Rosário. É um serviço de atenção psicossocial localizado em uma edificação que no passado abrigou o Pavilhão Mário Pinotti na Colônia Juliano Moreira. Poucos acreditavam que a cidade ocuparia o espaço da Fazenda do Barão da Taquara, local onde foi instalada a Colônia Psiquiátrica que veio a suceder as da Ilha do Governador. A Colônia virou um bairro da cidade que abriga serviços de saúde, de educação, de assistência social e um campus universitário.

A ousadia de implantação desse serviço, que virou um CAPS III, é do tamanho que o homenageado merece. O sergipano Arthur Bispo do Rosário, que pelos idos de 1909, “um dia surgiu no mundo”, como ele

mesmo dizia. No mesmo mundo que ele depois se lançou: foi marinheiro, boxeador e recebeu a missão de representar toda a produção dos homens diante do Criador.

Internado em 1938, Bispo viveu no cativeiro durante 51 anos, tempo em que construiu um inventário da criação dos homens para ser mostrado no Dia do Juízo Final. Acumulando e coletando materiais descartados como lixo, desfiando os uniformes e lençóis do hospício, produziu composições e assemblages que revelavam sua maneira singular de descrever o mundo. Traçou uma cartografia de sua trajetória na Terra com estandartes e objetos mumificados que buscava a fusão do signifiante e do significado para dar sentido ao esforço dos homens perante Deus.

Artista com reconhecimento póstumo, Arthur Bispo do Rosário viveu e morreu no manicômio. Foi uma das personalidades mais impressionantes do Brasil do século XX, que pouco cedia às conveniências das regras sociais e que imprimiu sua marca singular no cotidiano. Deixou um legado para a cultura brasileira e foi elevado aos céus se transformando em um dos mais importantes artistas contemporâneos. Ganhou o mundo ao ser apresentado na Bienal de Veneza, na Mostra dos 500 anos de Brasil em Nova York e em inúmeras outras exposições pelas cidades e pelos circuitos dos amantes das artes.



CAPS III Arthur Bispo do Rosário, em funcionamento na Zona Oeste da cidade.